

OS IDEOFONES NO GUINEENSE/KRIOL MODERNO

João Eusebio Imbatene¹
Manuele Bandeira De Andrade Lima²

RESUMO

Este estudo pretende compreender o comportamento de ideofones no guineense moderno como mecanismo recorrente. O guineense é uma língua crioula de base lexical portuguesa, falada na Guiné-Bissau. Para Moura & Nhampoca (2017), no changana, os ideofones formam uma classe de palavras específica, portanto, efetuam a função predicadora de maneira diferente dos verbos. Os dados observados apontam que, no guineense, os ideofones apresentam características similares às apontadas no changana, contudo, podem intensificar as funções adjetivais (burmedju wak 'vermelhíssimo') além de poderem ser reduplicados (limpu pus /limpu pus-pus 'limpíssimo'), podem apresentar duas formas de realização morfológica (rissu kan ou rissu kankaran 'muito rígido/ muito mais rígido'). Entendemos que as línguas autóctones da Guiné-Bissau nomeadamente balanta, fula, mandinga e papel possuem características silábicas e estruturas fono e morfológicas dos ideofones para designar as cores (vermelha, preta e branca) muito próximas as do guineense, fato que nos levou a acreditar numa possível contribuição destas línguas para a formação da estrutura morfológica dos ideofones do guineense, uma vez que os ideofones são comuns nas línguas africanas (Cf. Bartens, 2000, e não nas europeias Bakker, 2008, p.144). As formas ideofônicas foram levantadas a partir de Scantamburlo (2002) e outros instrumentos que permitem a coleta, a nossa participação como falantes nativos. Esta pesquisa procura, por outro lado, apresentar a complexidade morfológica das línguas crioulas. Assim, este trabalho torna-se importante para o âmbito dos estudos das línguas de contato, uma vez que fornecerá dados fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos sobre os ideofones em guineense.

Palavras-chave: Ideofones Guineense Língua Crioula Fenômenos linguísticos .

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Discente, jei011987@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente, manuelebandeira@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O ideofone, fenômeno morfológico em estudo, não se restringe apenas ao guineense, fazendo-se presente em muitas outras línguas como, por exemplo, santome, lung'le e angolar (FREITAS & BANDEIRA, 2016), em siwu (DINGEMANSE, 2011) e no changana (MOURA & NHAMPOCA, 2017).

Conforme Araujo (2009), as ocorrências de ideofones em santome caracterizam-se por partículas presas aos verbos e nomes intrínsecos. São sujeitos de serem reduplicados com vista a marcar percepções em inúmeras intensidades (DINGEMANSE, 2011). Diante disso, esta pesquisa objetiva investigar a realização de ideofones no crioulo da Guiné-Bissau, doravante, o guineense.

A existência de ideofones nas línguas crioulas do Atlântico é o resultado da influência das línguas africanas, sendo que é um fenômeno comum nestes idiomas (Cf. BARTENS, 2000), portanto, o fato do guineense, idioma que se enquadra neste conjunto, permanecer em contato com as línguas africanas do país, justifica-se as significativas ocorrências de ideofones que o mesmo dispõe.

Assim, esta investigação fornece valiosas informações linguísticas do ponto de vista fonológico e morfossintático aos estudiosos deste ramo epistemológico.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, além de apresentar as discussões existentes sobre a complexidade ou não da morfologia das línguas crioulas, apresenta uma proposta de estudo de natureza descritiva apoiada nas revisões bibliográficas e nas contribuições dos falantes nativos do guineense, para a partir dos resultados alcançados tirar as conclusões sobre a complexidade morfológica do guineense.

Os trabalhos foram efetuados em três fases: a primeira contempla o levantamento de dados das formas dos ideofones no guineense, através do dicionário bilingue, guineense e português do Scantamburlo (2002) e a leitura de livros, estudos, artigos e outras ferramentas que tratam deste fenômeno linguístico. A segunda contempla a observação e organização das formas levantadas no dicionário e das formas de ideofones encontradas em outras línguas do contato. Na última fase, foram analisados os dados levantados sob o ponto de vista do objetivo pré-definido (compreender a realização fonológico e morfossintático dos ideofones no guineense).

Então, as análises do corpus foram sustentadas pelas teorias que debruçam sobre os processos morfológicos de modo geral e especificamente sobre o processo de ideofones nas línguas crioulas e de contato, no caso de Araujo (2002), Degraff (2003, 2005), Bartens (2000), Bakker (2008), Dingemanse (2011), Good (2015), Freitas & Bandeira (2016), Mello (2017), Moura & Nhampoca (2017), entre outras referências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O guineense é uma língua de contato e crioula. “Na linguística, o termo (crioulo) remete ao fato de a língua ter sido criada em um ambiente multilinguístico, porém com uma língua politicamente dominante e várias outras sem prestígio” (BANDEIRA, 2017, p. 101), em conformidade com esta afirmação, o idioma em estudo apresenta características apontadas, posto que surgiu por meio do contato do português com as línguas nativas da região conhecida atualmente por Guiné-Bissau (CHAPOUTO, 2014, p. 7).

Hoje em dia, o país conta com o português como língua oficial, que politicamente exerce o seu domínio nas



esferas das ações públicas, então, as demais línguas se restringem, muitas vezes, às esferas privadas e não oficiais. Dada a realidade multilíngue da Guiné-Bissau, o guineense serve da língua veicular e, conseqüentemente, a mais falada, contudo, o português é a única língua oficial do país (FERNANDES, 2010). É importante sinalizar a existência das divergências de opiniões entre os autores tradicionais sobre a complexidade morfológica. Mas esta pesquisa dispõe duma hipótese que lhe enquadra na linha do pensamento dos que provam a complexidade morfológica, pois espera-se que o sistema morfossintático do guineense permita que o verbo, o nome, o adjetivo e o advérbio sejam as categorias possíveis de receber o acréscimo das partículas ideofônicas, em termos fonológicos, que as estruturas silábicas tenham como padrão de cópia: (CVC), (CV.CV), (CVC.CVC), (CV.CVC), (CV.CV.CV) e (CVC.CV.CVC) e que os ideofones mantenham a função intensificadora das formas bases nas sentenças.

Existem processos morfológicos nas línguas crioulas e de contato que reforçam a ideia da existência de complexidades morfossintáticas. Em concordância com Freitas & Bandeira (2016) as línguas crioulas do Golfo da Guiné (santome, lung'ie e angolar) possuem ideofones. Vejamos os exemplos citados pelas autoras em (1).

(1) Lung'ie -----	Baanku 'branco'	<i>Baanku</i> fenene 'branquíssimo'
Santome -----	Mon 'mão ou braço'	<i>Mon</i> kluklu 'mão ou braço amputado'
Angolar -----	Bôbô 'amarelo'	<i>Bôbô</i> la-la-la 'amarelíssimo'

Então, os ideofones são nomes dados à segunda parte de uma unidade multilexical, geralmente são de uso restrito e aplicados apenas a um item (ARAUJO, em preparação), conforme demonstram os exemplos em (1). Por alguns aspectos morfológicos compartilhados entre os ideofones e a reduplicação, os dois fenômenos podem gerar confusão na definição dos dois processos, mas são processos morfológicos distintos, uma vez que a reduplicação consiste em repetir uma parte ou o todo de uma palavra para exprimir novos sentidos semânticos como pontua Araujo (2002), ao passo que os ideofones compõem uma unidade acrescentada a uma forma lexical para acrescentar informações ao item, contudo, podem também ser reduplicados para marcar o grau da intensidade, como se observa em Dingemans (2011) e Nunes & Agostinho (em preparação).

Os ideofones são fenômenos linguísticos que se fazem presentes também no guineense, exemplificamos em (2) com algumas das ocorrências encontradas no guineense.

(2) <i>Burmedju</i> 'vermelho'	<i>Burmedju</i> wak	'muito vermelho, vermelhíssimo'
<i>Burmedju</i> 'vermelha'	<i>Burmedju</i> tchadau	'muito vermelho, vermelhíssimo'
<i>Kinti</i> 'quente'	<i>Kinti</i> wid	'muito quente'
<i>Lebi</i> 'leve'	<i>Lebi</i> kef	'muito leve'
<i>Firia</i> 'frio'	<i>Firia</i> yem	'muito frio'

Conforme Bartens (1996, p. 132 apud Bakker, 2008, p.144), os crioulos de base inglesa da África Ocidental e o da Guiné-Bissau dispõem de maiores números de ideofones, pois permanecem ainda em contato com as línguas autóctones da região. Esta afirmação incentiva a nossa pesquisa sobre a existência e complexidade



do processo de ideofones no guineense e nas línguas autóctones do país.

Em seguida, os resultados serão apresentados pelas indicações numéricas de 3 a 8 e seguidos sequencialmente de análises.

Procuramos definir os moldes silábicos possíveis dos ideofones no guineense, em (3).

(3) Ideofones	Estrutura silábica dos ideofones
Wak	CVC
Watch	CV.CV
Potok	CV.CVC
Fandan	CVC.CVC
Putchuk	CV.CV.CV
Kunkuden	CVC.CV.CVC

Em (3), exemplificamos todas as estruturas silábicas dos ideofones encontradas nesta pesquisa, ou seja, encontramos seis estruturas silábicas que as partículas ideofônicas no guineense apresentam em todas as suas realizações.

É possível reduplicar alguns ideofones no guineense como exemplificamos aqui em (4).

(4) Forma simples	Forma reduplicada
<i>Limpu pus</i> 'limpíssimo'	<i>Limpu pus-pus</i> 'limpíssimo'
<i>Lebi kef</i> 'levíssimo'	<i>Lebi kef-kef</i> 'levíssimo'

Nota-se que seja com a partícula reduplicada ou não, mantêm-se as mesmas informações do campo semântico. Pode-se dizer **limpu pus** ou **limpu pus-pus** para indicar algo 'limpíssimo', assim como podemos também proferir a palavra **lebi kef** ou **lebi kef-kef** para sinalizar o estado de algo muito leve ou levíssimo. Entretanto, é importante frisar que existe uma ligeira diferença nas noções semânticas entre as formas ideofônicas simples e reduplicadas. Ambas as formas (**lebi kef** ou **lebi kef-kef**) dizem respeito ao algo muito leve ou levíssimo, mas a forma reduplicada serve para intensificar ainda mais a noção de 'levíssimo ou muito leve'.

Este estudo encontrou ideofones que apresentam duas possibilidades de sinalizar a mesma informação, tanto é que se pode dizer **rissu kan** ou **rissu kankaran** para referir a algo muito rígido. Então, subentende-se que talvez a forma **kan** seja a forma reduzida de **kankaran**, veja os exemplos em (5).

(5) 1a Forma	2a Forma
Burmedju wak 'Vermelhíssimo'	Burmedju watch 'Vermelhíssimo'
Rissu kan 'Muito rígido'	Rissu kankaran 'Muito rígido'.

Foi observado que algumas formas que apresentam duas formas de realização devem estar associadas à variação linguística, como se pode notar nos exemplos com wak e watch. As duas formas preservam o mesmo significado. No caso dos exemplos com kan e kankaran, percebe-se que a 2a forma serve para intensificar ainda mais a noção introduzida pela palavra base do que a primeira.



Alguns ideofones podem ser flexíveis. Observe o exemplo em (6).

- (6) Kala **yem** 'estar em silêncio total'
Firia **yem** 'muito frio/fresco'

Destacamos a flexibilidade do ideofone **yem**, a mesma partícula coexiste com o verbo **kala** 'calar' e com o adjetivo **firia** 'frio/fresco'. Este fato acontece no guineense talvez por conta da proximidade semântica que os dois vocábulos têm nesta língua, pois a postura de estar em silêncio pode ser entendida como 'calmo ou frio' em guineense.

Foram encontrados ideofones nas línguas autóctones da Guiné-Bissau, nomeadamente, balanta, fula, mandinga e papel. Por falta de materiais bibliográficos que registram dados destas línguas orais e, diante das necessidades que o nosso estudo nos impõe, fomos levados a fazer uma pesquisa de campo com os estudantes guineenses da UNILAB, campus dos Malês, falantes nativos destas línguas. Delimitamos o nosso objeto da pesquisa sobre o emprego dos ideofones nas cores primárias (vermelha, branca e preta). Os resultados encontrados estão apresentados em (7).

- (7) a) PAPEL (**Djenk peng** 'vermelhíssimo', **Fas fi** 'branquíssimo' e **Djin'n mit** 'pretíssimo')
b) FULA (**Odji-tchoi** 'vermelhíssimo', **Bauni-pan** 'branquíssimo' e **Bauli-nok** 'pretíssimo')
c) MANDINGA (**Úlema-piu** 'vermelhíssimo', **Koima-fér** 'branquíssimo' e **Fim'ma kir** 'pretíssimo')
d) BALANTA (**Fan-tir** 'vermelhíssimo', **Fí-nthis** 'branquíssimo' e **Fmon-m'put** 'pretíssimo')

Ao observar os exemplos em (7), percebe-se que as línguas autóctones do país comportam ideofones com estruturas fono e morfológicas muito próximos às do guineense. Desta forma, concordamos com Bartens (2000) sobre a existência de ideofones nas línguas crioulas do Atlântico. Para esta estudiosa, tal existência é o resultado da influência das línguas africanas. Assim, o guineense usa no seu sistema morfológico os ideofones como mecanismos recorrentes para a transmissão de noções adicionais introduzidas pela palavra base a que são acrescentados, graças a contribuições das línguas nativas da Guiné-Bissau na formação do seu sistema morfológico.

Compreende-se que tanto as quatro línguas nativas (mandinga, fula, papel e balanta) quanto o guineense usam as partículas ideofônicas para transmitir noções gramaticais equivalentes ao grau superlativo absoluto sintético ou analítico dos adjetivos mencionados, isto se justifica pelo contato permanente entre estas línguas como frisa Bartens (1996, p. 132 apud BAKKER, 2008, p.144).

Em termos sintáticos e semânticos, compreende-se que os ideofones no guineense preservam a função intensificadora, seja na descrição duma ação ou na marcação da forma de um objeto ou de eventos específicos. Observe em (8).

- (8) a) *Nha ermom kumpra um kamisa burmeju wak.*
'O meu irmão comprou uma camisa vermelhíssima.'
b) *I kala yem suma kim ku kastaba la.*
'Calou-se totalmente como se não estivesse lá.'

Vale frisar que nas duas construções do (8), os ideofones empregados intensificam as noções semânticas dos vocábulos bases a que são acrescentados, mesmo assim, a função adjetiva do **burmeju** da alínea a) não muda, assim como a função predicadora do **kala** em b) é preservada.



Então, os ideofones não mudam a função sintática das palavras a que são possíveis de se juntar, mas intensificam-nas. Portanto, este comportamento não é exclusivo ao guineense, já foi notado em outras línguas crioulas e africanas, como se pode ver em Freitas & Bandeira (2016), Dingemanse (2011) e Moura & Nhampoca (2017).

CONCLUSÕES

Os dados analisados aqui sustentam a hipótese de que as línguas crioulas possuem processos fono e morfológicos próprios tais como qualquer outra língua humana. O presente estudo, após análises de dados, posiciona-se com mais propriedades a favor da existência da complexidade morfológica no guineense, posto que os ideofones são mecanismos morfológicos, complexos e recorrentes nesta língua. Esta postura leva em consideração as considerações de Good (2015), uma vez que chamam atenção dos estudiosos das línguas crioulas sobre a complexidade morfológica dessas línguas. A compreensão da morfologia crioula exige um olhar que se transponha a complexidade em um sentido geral, ou seja, exige pensar em diferentes tipos de complexidades, cumprindo este requisito, pode-se evitar afirmações que limitam a morfologia das línguas crioulas.

Finalmente, esta pesquisa disponibiliza informações linguísticas sobre a realização dos ideofones no guineense, algo que até então era quase inédito. No entanto, reconhece-se que é necessário aprofundar mais este estudo e outros da mesma natureza que possam facultar ainda mais informações linguísticas deste idioma muito pouco estudado.

AGRADECIMENTOS

Meus profundos agradecimentos ao PIBIC/FAPESB pela concessão da bolsa de Iniciação Científica que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa sobre os fenômenos morfológicos, sintáticos e fonológicos e especificamente sobre o processo de ideofones no guineense.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Gabriel Antunes. Ideofones e verbetes enciclopédicos em dicionários bilíngues santome e lung'le. Em preparação.
- ARAUJO, G. Ideofones na língua são-tomense. *Papia*, Brasília, v.19, p. 23-37, 2009.
- BAKKER, Peter. *The Handbook of Pidgin and Creole Studies: Ideophones*. Edited by Silvia Kouwenberg and John Victor Singler 2008 Blackwell Publishing Ltd. ISBN: 978-0-631-22902-5. 2008.
- BANDEIRA, Manuele, *Reconstrução fonológica e lexical do Golfo da Guiné*. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2017.
- BARTENS, A. *Ideophones and sound symbolism in Atlantic creoles*, Helsinki, The Finnish Academy of Sciences, 2000. 168p.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa. *Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. Universidade de Coimbra- Faculdade de Letras. Lisboa, 2014.
- DEGRAFF, M. *Against Creole Exceptionalism*. *Language*, v.79, n.2, p. 391- 410, 2003.
- DEGRAFF, M. *Linguists' most dangerous myth: The fallacy of Creole Exceptionalism*. *Language in Society*, v.34, p.533-591, 2005.



- DINGEMANSE, M. The meaning and use of ideophones in Siwu. PhD Thesis — Radboud University Nijmegen, Nijmegen, 2011.
- FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua como instrumento de ou estratégia de política de nos países de língua portuguesa. Geo-paisagem (on line). 2010.
- FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. Estudos linguísticos, São Paulo, 45 (1): p. 242-256, 2016.
- GOOD, Jeff. Paradigmatic complexity in pidgins and creoles. University at Buffalo, Department of Linguistics. EUA, 2015.
- LUCCHESI, Dante. Línguas em contato: desenvolvimentos recentes na área. In: II ECLAE - Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2003, João Pessoa. Cadernos de Resumos e Programação. João Pessoa: Idéia, 2003. v. 1.
- MOURA, Heronides. Um caso de iconicidade em classes de palavras: os ideofones na línguachangana. Signo, Santa Cruz do Sul, V. 42, n. 75, dez. 2017. ISSN 1982-2014. Disponível em: Acesso em 29 de jan. de 2020.
- NUNES Ariele Helena Holz & AGOSTINHO, Ana Livia. (em preparação). Repensando ideofones e reduplicação no crioulo haitiano. Santa Catarina.
- PRATAS, Fernanda. Sistema Pronominal do caboverdiano (variante de Santiago). Universidade de Lisboa: Dissertação de mestrado, 2002.
- SCANTAMBURLO, Luigi. Dicionário do guineense, volume II - Dicionário guineense -português. Bissau/Bubaque. Edições FASPEBI, 2002.

